

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli  
(Organizadoras)

Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



# Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadoras:** Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: ressonâncias e repercussões / Organizadoras Lilian de Souza, Fernanda Tonelli. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0257-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.572221705>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Arte. I. Souza, Lilian de (Organizadora). II. Tonelli, Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A obra está organizada em dezoito capítulos que ressoam e repercutem nas áreas de Linguística, Letras e Artes. Traz discussões atuais em diversas temáticas, como o papel da mulher, do negro e do indígena e cultura. Tais abordagens foram tratadas com maestria pelos respectivos autores, que relacionaram as questões educacionais, sociais e individuais dos sujeitos sob o viés da própria linguagem artística.

Outras temáticas abordadas nesta obra nos convidam a refletir sobre situações da atualidade, como a pandemia e a invisibilidade do ser e os depoimentos de educadores acerca do fazer docente em tempos de pandemia sob o viés da análise de discurso. Ainda sobre o processo educacional, discute-se sobre neurociência cognitiva e comportamental e suas influências na educação, destacando os prováveis transtornos de aprendizagem.

Como manifestação artística, a literatura também se faz presente neste livro, percorrendo distintas realidades escritas por autoras e autores pertencentes a diversos períodos. Temos a contemporânea Adriana Vieira Lomar, a ancestralidade e resistência nas obras de Euclides Neto, os diálogos entre Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade, a linguagem estilística de Eva Furnari, entre as leituras e leitores de Machado de Assis e um estudo de caso entre Perón e Wilde. São produções que auxiliam o leitor a explorar os aspectos estilísticos da linguagem poética, das produções narrativas, bem como da dramaturgia.

Por fim, agradecemos à Atena Editora, por propor a publicação desta obra e às autoras e autores que contribuíram aqui com seus trabalhos. Este livro é um convite às/aos estudantes, docentes, artistas, poetas, musicistas e demais representantes da sociedade civil que se interessam em ressoar e repercutir esses diálogos plurais.

Boa leitura!

Lilian de Souza  
Fernanda Tonelli

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A POESIA ÁRABE FEMININA NO PERÍODO DA JAHILIYA: TRADUÇÃO COMENTADA DE VERSOS DE AL-KHANSA E AL- KHIRNIQ	
Isabela Alves Pereira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217051</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX	
Raimundo João Matos Costa Neto	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217052</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
A ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA COMO JOGO: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA RECRIAÇÃO DE PERÓN EM WILDE	
Felipe Vieira Valentim	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217053</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
A PANDEMIA DA INVISIBILIDADE DO SER	
Paula Valéria Gomes de Andrade	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217054</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>29</b>
TRAVESSIA: A BUSCA DO HOMEM HUMANO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Wcleverson Batista Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217055</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>43</b>
A MANIPULAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL SOBRE A CRIAÇÃO ARTÍSTICA EM “UM HOMEM CÉLEBRE”, DE MACHADO DE ASSIS	
Francisco Rangel dos Santos Sá Lima	
Cícero Nilton Moreira da Silva	
Mirna Maria Félix de Lima Lessa	
Getuliana Sousa Colares	
Daniela Katêrine de Oliveira	
Nayara Marantha da Conceição Gurgel	
Vivianne Caldas de Souza Dantas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056">https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217056</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>54</b>
CONHECENDO A NEUROCIÊNCIA COGNITIVA E COMPORTAMENTAL E SUAS INFLUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO, DESTACANDO OS PROVÁVEIS TRANSTORNOS DE	

## APRENDIZAGEM

Ingrid Raposo Ramos

Marilei Arruda da Rocha Caballero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217057>

### **CAPÍTULO 8..... 61**

#### ÚRSULA: A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA NA OBRA

Ana Cleia Silva Pereira

Josilene dos Santos Sousa

Solange Santana Guimarães Morais

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217058>

### **CAPÍTULO 9..... 68**

#### MÍMESIS ZERO E O AFETO COMO GERADOR DE EFEITOS EM *ALDEIA DOS MORTOS*, DE ADRIANA VIEIRA LOMAR

Jerusa Silva Nina de Azevedo da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5722217059>

### **CAPÍTULO 10..... 80**

#### LEITURAS E LEITORES DE *PAPÉIS AVULSOS*, DE MACHADO DE ASSIS

Valdiney Valente Lobato de Castro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170510>

### **CAPÍTULO 11..... 96**

#### PROJETO CIRANDA DA LEITURA

Sílvia Letícia Oliveira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170511>

### **CAPÍTULO 12..... 106**

#### A LINGUAGEM ESTILÍSTICA DA OBRA LITERÁRIA DE EVA FURNARI

Micheli Cristiana Ribas Camargo

Cristina Yukie Miyaki

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170512>

### **CAPÍTULO 13..... 116**

#### DEPOIMENTOS DE EDUCADORES ACERCA DO FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA, UM ESTUDO SOB O VIÉS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Noelma Oliveira Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170513>

### **CAPÍTULO 14..... 131**

#### HENRIQUETA LISBOA & MÁRIO DE ANDRADE: UM DIÁLOGO SOBRE OS “TRÊS POEMAS DA TERRA”

Ilca Vieira de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170514>

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>149</b>
AS CARTOGRAFIAS DA INFÂNCIA EM “AS MARGENS DA ALEGRIA” E “OS CIMOS” DE JOÃO GUIMARÃES ROSA	
Lincoln Felipe Freitas	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170515</a>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>158</b>
ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO ROMANCE <i>A ENXADA E A MULHER QUE VENCEU O PRÓPRIO DESTINO</i> , DE EUCLIDES NETO	
Ana Sayonara Fagundes Britto Marcelo	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170516</a>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
O MITO DE ORIGEM DO <i>KENE</i> : CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM E ARTE	
Heidi Soraia Berg	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170517</a>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>184</b>
SOBRE ONTO-EPISTEMICÍDIO & FOLCLORIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POVO NEGRO E INDÍGENA NUM LIVRO DE HISTÓRIA DO BRASIL	
Mário Martins Neves Junior	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518">https://doi.org/10.22533/at.ed.57222170518</a>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>209</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>210</b>

# CAPÍTULO 2

## O CHORO EM SÃO LUÍS: RETRATOS DO CHORO NA CAPITAL MARANHENSE DO FINAL DO SÉC. XIX

Data de aceite: 02/05/2022

### Raimundo João Matos Costa Neto

Professor Assistente no curso de Música  
Licenciatura na Universidade Estadual do  
Maranhão(UEMA)

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma discussão sobre a existência de fatores que representam as primeiras definições do termo “choro” na capital maranhense do final do séc. XIX. O fio condutor dessa discussão é a comparação entre os contextos musicais e “paramusicais” (cenários, ações, habitat social etc.) das cidades São Luís (MA) e Rio de Janeiro (RJ) do final do séc. XIX. Para fundamentar a discussão utilizo a pesquisa bibliográfica em trabalhos acadêmicos, obras literárias e recortes de jornal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Música popular. Choro. Maranhão.

### CHORO MUSIC IN SÃO LUÍS: PERSPECTIVES OF CHORO IN THE CAPITAL OF THE STATE OF MARANHÃO (BRAZIL) IN THE END OF THE 19TH CENTURY

**ABSTRACT:** This article presents a discussion about the existence of factors that represented the first definitions of the term “choro” in the capital of the state of Maranhão (MA) in the end of the 19th century. The main argumentation relies on the comparison between the musical and para-musical contexts (surroundings, actions,

1 (ULHÔA, 2014: 63).

social habitat, etc.) in the cities of São Luís (MA) and Rio de Janeiro (RJ) in the end of the 19th century. In order to support this discussion, I use bibliographical research of academic work, literary work and newspaper articles.

**KEYWORDS:** Popular music. Choro. Maranhão.

### 1 | INTRODUÇÃO

Apresento neste artigo um breve resumo do primeiro capítulo da dissertação intitulada: *E tem choro no Maranhão?* Subsídios históricos e musicológicos para um processo de formação do choro no maranhão entre o final do séc. XIX e meados do séc. XX, em que proponho uma discussão sobre a provável existência de múltiplos processos de formação do choro ocorridos simultaneamente no Brasil. O fio condutor dessa discussão é a comparação entre os contextos musicais e “paramusicais” (cenários, ações, habitat social etc.)<sup>1</sup> das cidades São Luís (MA) e Rio de Janeiro (RJ), no recorte cronológico que compreende o final do séc. XIX a meados do século XX.

A partir da investigação em fontes primárias como jornais de época e obras literárias foi possível coligar informações importantes para verificarmos “retratos” das primeiras representações do termo choro no séc. XIX. Alguns trabalhos acadêmicos na área da História também foram consultados nessa investigação,

com destaque para a dissertação do Marcos Melo de Lima (2014), intitulada *A vadiagem e os vadios: controle social e repressão em São Luís (1870-1888)*<sup>2</sup>. Parte das informações estão relacionadas a aspectos primordiais que norteiam os discursos genealógicos sobre o choro no Brasil, como a música urbana do séc. XIX, a “vida festiva” e a “malandragem” dos músicos chorões e a influência da música europeia. A narrativa de Pinto (1936) em *O Choro* foi utilizada como parâmetro para a observação de características semelhantes relativas ao ambiente social e aos hábitos festivos dos músicos no Rio de Janeiro e em São Luís<sup>3</sup>, fortalecendo assim a possibilidade de pensarmos em outros cenários propícios para a ocorrência de práticas e comportamentos relacionados às representações do choro como “festa” ou reunião de músicos, a proximidade entre “erudito e popular” e jeito de tocar a música europeia.

## 2 | RETRATOS DO CHORO NA MEMÓRIA SOCIAL DO MARANHÃO

Até então, a maioria das referências encontradas sobre a música no Maranhão está direcionada ao âmbito erudito-religioso<sup>4</sup>, em detrimento da música popular urbana que, como veremos a seguir, fazia-se presente nas ruas, nas casas e em festas populares. Na São Luís dos anos 1870, essa música urbana tinha como protagonistas músicos oriundos de diferentes camadas sociais, como escravos, indivíduos libertos e livres (comerciantes, estivadores e funcionários públicos). Esses músicos se reuniam para tocar em quitandas, em festas patrocinadas e pelas ruas da cidade. As reuniões eram regadas à bebida, batuque e “vadiagem”, e constantemente terminavam em brigas, o que incomodava os cidadãos nobres da cidade, ou seja, a elite social (LIMA, 2014: 21). Os “chinfrins” eram noticiados frequentemente nos jornais locais como algazarra e motivo de revolta da vizinhança, segundo Lima (2014), o periódico *O Paiz*, de 27 de janeiro de 1880, atribuía a chinfrim o seguinte significado: “bailes de meretrizes”, e no jornal *Pacotilha* de 21 de janeiro de 1884, foi divulgada a seguinte reclamação,

Aqueles moradores da Praça d'Alegria passaram a noite de sábado em claro, bastante incomodados com a vozeria infrene que se erguia bem alto de um *chinfrim* que ali houve verdadeira orgia, patuscada baixa de lupanar. *Foi um bródio soberbo regado de vinhaça e comilança*, ruidoso, animado, cínico, pandega debochada de quem anda por aí a perder a noite com manifesto prejuízo do sossego público. *Pelas duas horas da madrugada houve musicada rasgada, infernal, de piano velho, realejo e violão, algazarra impossível de suportar, coisa de se fazer doer os ouvidos* (LIMA, 2014: 64, grifos meus).

2 Nesse trabalho o autor apresenta um estudo sobre a vadiagem e os vadios na cidade de São Luís entre os anos de 1870 e 1888, época de debates sobre a “transição da mão de obra escrava para a livre, e uma constante preocupação com os ex-escravos e a sua possível inaptidão a uma sociedade ordeira”. As reuniões de escravos, libertos e “pobres livres” nas ruas da cidade era uma ameaça para o bem-estar social da elite maranhense, que se utilizava dos periódicos da época para denunciar a “vadiagem” e contava com a força militar no “combate” aos vadios. O autor utiliza os reclames de jornais e os arquivos policiais como suas principais fontes de pesquisa na tentativa reconstruir o ambiente social e os conflitos que pernoitavam nas ruas de São Luís (LIMA, 2014).

3 No que se refere ao início do recorte cronológico da obra de Pinto (1936), nesse caso por volta dos anos 1870.

4 Ver Holler (2010), Carvalho Sobrinho (2004; 2010a; 2010b) e Dantas Filho (2014).

É possível conferir na citação acima um certo grau de menosprezo com que a imprensa local se refere a esses encontros musicais, o que certamente indica a ocorrência de uma mobilização da elite maranhense em tornar pública sua indignação perante aos sons que vinham das ruas e lares festivos. No entanto, mesmo com uma “legislação proibitiva aos batuques, cantorias e danças fora dos locais determinados e devidamente autorizados pelas autoridades policiais”, as festas ainda ocorriam frequentemente, geralmente patrocinadas por membros dessa mesma elite indignada, o que revela um entrelaço social e um certo jogo de poderes, como afirma Lima (2014),

O aumento das denúncias nos jornais da cidade, em determinados períodos festivos, revela a ineficácia dos aparatos de policiamento e das leis municipais no controle e repressão a tais divertimentos de escravos e outros sujeitos pobres. Mas também são indícios das “vantagens” e “concessões” que se estabeleciam no intrincado jogo das relações de poder, que se dava entre as elites e esses sujeitos (LIMA, 2014: 53).

A frequência com que os “chinfrins”, batuques e vadiagem foram noticiados nos periódicos da época revela o gosto dos músicos maranhenses pela “vida festiva”, o que representa um aspecto semelhante aos músicos chorões descritos no livro *O Choro*. A “vida festiva” era uma característica peculiar dos chorões antigos, ou “heróis” do choro como eram chamados por Alexandre Gonçalves Pinto (1936), tanto que boa parte dos relatos biográficos desses músicos foram ambientados em reuniões festivas<sup>5</sup>. Os ambientes festivos eram semelhantes entre os cenários maranhense e carioca<sup>6</sup>, no entanto, a constatação de similaridades entre a vida festiva nesses cenários não estabelece de imediato uma relação direta entre os “chinfrins” maranhenses e o choro. Na tentativa de estabelecer essa relação analiso algumas características relevantes na história do choro como a proximidade entre erudito e popular e o jeito de tocar os gêneros musicais europeus. Para fundamentar o cotejamento utilizei a pesquisa em recortes dos periódicos *O Globo* (1852-1853) e *Pacotilha* (1883) e uma análise das obras literárias *O Mulato* de Aluísio de Azevedo e *Vencidos e Degenerados* de Nascimento Moraes. Essas obras apresentam em suas narrativas informações sobre relações sociais e personagens, reais e imaginários, inseridos na sociedade maranhense do final do séc. XIX, que foram utilizados como referências históricas importantes para a análise. Azevedo (1881) e Moraes (1915) descrevem um cenário fictício que se confunde com o mundo real, nesse sentido, “guardadas as diferenças de gênero e função, história e literatura são narrativas que têm o real como referente e operam com representações que se referem à vida e que buscam explicá-la” (PESAVENTO apud DO NASCIMENTO, 2012: 34).

Em *O Mulato*, Azevedo (1881) descreve e critica o cenário social da São Luís do

5 Segundo a análise de Aragão (2013), essa vida festiva é o “verdadeiro *leitmotiv* da narrativa: [pois] através da descrição de festas, movidas a banquetes e bebidas, o autor descreve centenas de ‘heróis’ do choro, [...] personagens que, sob o manto de respeitáveis chefes de família e honrados funcionários públicos, [...] abandonando famílias e empregos por dias e dias por causa de um bom choro” (ARAGÃO, 2013: 120).

6 E provavelmente recorrentes em outros centros urbanos do Brasil oitocentista.

século XIX, relatando com veemência o conflito racial e a hipocrisia, eclesiástica e política, que corrompia a sociedade maranhense<sup>7</sup>. O romance-crônica *Vencidos e Degenerados* de Moraes (1915) se inicia no dia da assinatura da lei Áurea em 1888 e se desenvolve retratando os conflitos e ambientes sociais mais diversos da capital maranhense nessa época. O autor “traz para seu texto sua própria condição de homem de imprensa, que se caracterizaria fundamentalmente por ser cronista e polemista”, o que reflete um teor de crítica à sua narrativa (DO NASCIMENTO, 2012: 36). Esses dois autores descrevem personagens músicos e ambientes festivos condizentes com a vida festiva e comportamento do antigos chorões, como na descrição do violonista Stélio, que “tocava por música e tinha muitos anos de exercícios constantes. Seu violão, temperado no orvalho, como ele dizia, suavizado à luz do luar, colado com o frio da madrugada” (MORAES, 1915: 288). Stélio apresenta característica de músico erudito, o tocar por música, e também de músico popular quando “tempera o violão” com o orvalho tocando à luz da lua. O violão é citado inúmeras vezes durante o romance, geralmente a referência ao instrumento está relacionada às festas de negros, cortiços e serenatas na rua<sup>8</sup>, como no trecho abaixo,

E essas mocinhas pobres com que delicadeza, mesmo com que graça, ferem as cordas do violão e desferem com queixume na voz as mágoas de nossas comoções! Já não e admiro dos rapazes que passam as noites de luar, pelas ruas, a fazer serenatas, acordando as suas apaixonadas como o eco de suas endeixas, a imaginação esbraseada pelo álcool! (MORAES, 1915: 193).

Nos contos “O Homem Célebre” e “O Machete”, Machado de Assis apresenta dois dilemas referentes à dicotomia erudito/popular na música brasileira, que pairavam na *Belle Époque* carioca. Ao confrontar certas passagens dessas obras de Aluísio, Moraes e Machado conferimos semelhanças em dois aspectos importantes para o desenvolver dessa discussão. São eles: a proximidade entre o erudito e o popular na concepção da música popular urbana brasileira<sup>9</sup> e um jeito “abrasileirado” de tocar. Para essa análise comparativa adoto a postura investigativa observada no trabalho de Mendes (2000), pois “o meu objetivo foi ler a ficção como documentos históricos sofisticados que, lidos com cuidado e atenção, revelam [...] verdades históricas e culturais a respeito do Brasil que só podem ser encontradas na ficção” (MENDES, 2000: 15).

Uma das constantes fundadoras dos discursos sobre as origens do gênero musical choro se refere ao encontro/embate, entre a música erudita e a popular. Essa proximidade entre erudito e popular se configura também em questões sociais relativas aos ambientes

---

7 Essa obra é considerada o marco inicial do naturalismo no Brasil. Porém, alguns autores como Mendes (2000) e Veríssimo (1976) classificam *O Mulato* como uma “ expressão de melodrama romântico dotado de elementos naturalistas” (MENDES, 2000: 24) ou uma obra de caráter transitório entre o Romantismo e o Naturalismo (VERÍSSIMO, 1976).

8 Sem dúvida o violão já era, no final do séc. XIX, um instrumento popular na capital maranhense, visto que em periódicos da década de 1850 já anunciavam a venda de cordas para violão, “CORDAS PARA VIOLÃO – A 120 Reis em casa de Domingos Tribuzy, rua Grande n. 5” (O GLOBO, 1852).

9 Nesse embate estão incluídos os conflitos entre a elite e o povo, o europeu e o negro/mestiço, o piano e o cavaquinho.

“frequentados” pelo choro, que transita entre “o quintal e o municipal”<sup>10</sup>. Em *O Mulato*, observamos nas descrições de personagens alguns exemplos de uma inter-relação entre o erudito e o popular. Como nos comentários sobre as habilidades de Ana Rosa, que “sabia rudimentos de francês e tocava modinhas ao violão e ao piano”; a respeito da ocasião em que Raimundo “falou muito da Europa e, como a música viesse à conversa, pediu a Ana Rosa que tocasse alguma coisa [...] e ela, com um grande acanhamento e um pouco de desafinação, executou vários trechos italianos” (AZEVEDO, 1881: 26 e 98, respectivamente). A versatilidade da personagem Ana Rosa em tocar modinhas e conhecer trechos de óperas italianas nos proporciona iluminar a possibilidade de um cenário musical onde as práticas musicais eruditas e populares se entrelaçavam. Em *O Homem Célebre*, Machado de Assis também apresenta esse suposto “entrosamento”, porém, de forma conflitante, representado pelo dilema presente no processo composicional do personagem Pestana, que conhecia e estudava as obras de “compositores clássicos” como, “Cimarosa, Mozart, Gluck, Bach, Schumann...”, contudo, só compunha “polcas buliçosas”, que acabavam fazendo “sucesso” no cenário musical carioca (ASSIS, 2003: 20).

Em relação ao jeito brasileiro de tocar destaque dois trechos que apresentam descrições semelhantes relacionadas às performances de dois músicos,

O José Roberto - Usava lunetas azuis e *cantava ao violão modinhas de sua própria lavra* e de outros, *apimentadas à baiana, com o travo sensual e árabe dos lundus africanos. Quando tocava, tinha o amaneirado voluptuoso do trovador de esquina; vergava-se todo sobre o instrumento*, picando as notas com as unhas, cujo os dedos pareciam as pernas de um caranguejo doido, ou abafando com a palma da mão *o som das cordas, que gemiam e choravam como gente* (AZEVEDO, 1881: 79, grifos meus).

Barbosa tocou-a, não dizer com alma, mas com nervos. *Todo ele acompanhava a gradação e variações das notas; inclinava-se sobre o instrumento, retesava o corpo, pendia a cabeça ora a um lado, ora a outro, alçava a perna, sorria, derretia os olhos ou fechava-os nos lugares que lhe pareciam patéticos* (“O Machete” em ASSIS, 2007: 17, grifos meus).

As descrições acima nos revelam características similares importantes referentes às performances de músicos populares. Os autores retratam um “jeito” comum dos músicos tocarem a modinha, ou “cantiga do tempo e da rua”, como se estivessem dançando com o instrumento e empregando uma carga simbólica de expressões, trejeitos e costumes na forma de executar a música. O jeito característico de tocar e o tipo de música executado, nesse caso a modinha ou canção “do tempo e da rua”, são fatores que representam uma proximidade das narrativas literárias aos discursos sobre as origens do choro<sup>11</sup>. Para Pinto (1936), a “modinha também muito se harmoniza com o violão, este instrumento dedilhado pelos trovadores chorões fazem o esplendor das grandes melodias” (PINTO, 1936: 121).

10 Breve alusão ao trabalho de Cazes (1998) que trata da trajetória do choro por diversos contextos sociais.

11 Ver Cazes (2008), Diniz (2008a-2008b), Dourado (2004), Pinto (1936), Sandroni (2012), Silva (2013) e Vasconcelos (1977-1984).

Modinhas já eram comercializadas desde a metade do séc. XIX em São Luís como podemos observar em um anúncio do jornal O Globo do dia 31 de março de 1852, em que na mesma casa são postos “à venda: Rapé da Bahia, Chá Nacional, Accordos para violão, *Modinhas para piano forte* e outros papéis de música” (O GLOBO, 1852, grifo meu). Não seria plausível imaginarmos Ana Rosa, Barbosa, José Roberto, Pestana ou Stélio como possíveis chorões?

### 3 | CONCLUSÃO

Para respondermos essa última questão seria necessário pensarmos a história do choro no Brasil como um processo concomitante ocorrido em diversos centros urbanos, como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Olinda, Ouro Preto, São Luís e outros. Nesse sentido, proponho em meu trabalho de dissertação discutir a necessidade de reavaliarmos o discurso hegemônico sobre as origens do choro com o objetivo de questionar as verdades históricas sobre esse gênero musical. Espero que a discussão proposta nesse artigo, mesmo que de forma resumida, tenha cumprido esse caráter questionador.

### REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Contos Escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003. Primeira edição do conto “Um Homem Célebre” em *Várias Histórias* (1896).

\_\_\_\_\_. *50 contos de Machado de Assis* (selecionados por John Gledson). São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

ARAGÃO, Pedro. *O baú do Animal: Alexandre Gonçalves Pinto e o choro*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013.

AZEVEDO, Aluísio de. *O Mulato*. São Paulo: Editora Martins Claret, 2002. Primeira edição em 1881.

CARVALHO SOBRINHO, João Berchmans de. A Música no Maranhão Imperial: um estudo sobre o compositor Leocádio Rayol baseado em dois manuscritos do Inventário João Mohana. *Revista Em Pauta*, v. 15, n. 25, p. 5, 2004.

\_\_\_\_\_. *Músicas e músicos em São Luís: subsídios para uma história da Música do Maranhão*. Teresina Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Texto e contexto: a comédia musical Uma Véspera de Reis de Francisco Libânio Colás* (São Luís, 1830 - Recife, 1885). Teresina: EDUFPI/Imperatriz, MA: Ética, 2010b.

CAZES, Henrique. *Choro: do quintal ao municipal*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1998. DANTAS FILHO, Alberto. *A grande música do Maranhão imperial: estudo histórico musicológico a partir do acervo Musical de João Mohana*. Teresina: Halley, 2014.

DINIZ, André. *Almanaque do Choro: a história do chorinho, o que ouvir, o que ler, onde curtir*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.

\_\_\_\_\_. *Joaquim Callado: o pai do choro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008b.

DO NASCIMENTO, Dorval. Representações de intelectuais em vencidos e degenerados, de nascimento moraes. *Outros Tempos—Pesquisa em Foco-História*, v. 9, n. 14, 2012.

HOLLER, Marcos. *Os jesuítas e a música no Brasil colonial*. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2010.

LIMA, Marcos Melo de. *A vadiagem e os vadios: controle social e repressão em São Luís (1870-1888)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em História, São Luís, 2014.

MENDES, José. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

NASCIMENTO MORAES, José do. *Vencidos e Degenerados*. 4ª edição. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000. Primeira edição em 1915.

*O GLOBO*, São Luís, 1852-1853. Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

*PACOTILHA*, São Luís, 1883. Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite.

SANDRONI, Carlos. *Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917- 1933)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVA, Marília T. Barboza da. *Coisa de preto: o som e a cor do samba e do choro*. São Paulo: B4 Ed., 2013.

ULHÔA, Martha Tupinambá de. Nova história, velhos sons: notas para ouvir e pensar a música brasileira popular. *DEBATES-Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Música*, n. 1, Rio de Janeiro, 2014.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Editora do autor., 1977.

\_\_\_\_\_. *Carinhoso etc (História e Inventário do Choro)*. Rio de Janeiro: Editora do autor, 1984.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acontecimento enunciativo 116, 117, 120, 122, 129

Afetos 31, 57, 158, 159, 162, 163

Agricultura familiar 158, 166

Al-Khansa 1, 2, 5, 7

Al-Khirniq 1, 5, 6, 7

Alteridade 121, 167, 176, 181, 182

Ancestralidade 158, 159, 163, 166, 187, 195

Atividades remotas 116, 117

### C

Canto 161, 167, 175, 177, 178, 179, 180

Choro 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 57

Cognição 54, 57, 58, 59

Competência lexical do falante 106

### D

Desterritorialização 149, 150, 152, 153, 155, 156, 157

Discurso docente 116

### G

Guimarães Rosa 29, 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 42, 75, 76, 149, 150, 151, 152, 155, 157

### H

Henriqueta Lisboa 131, 132, 133, 137, 140, 141, 144, 145, 147

História 2, 7, 9, 11, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 25, 26, 29, 30, 31, 36, 40, 42, 56, 57, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 81, 90, 100, 106, 114, 115, 118, 120, 122, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 143, 144, 148, 157, 164, 165, 166, 168, 169, 171, 178, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208

### I

Identidade 30, 50, 67, 73, 109, 158, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 176, 181, 182, 185, 198, 208

Imagem-símbolo 167, 179, 180

Indústria cultural 43, 44, 46, 47, 49, 50, 53

Infância 31, 63, 149, 151, 157, 201

Interação 22, 58, 77, 96, 98, 99, 177

Invisibilidade do ser 27

## **J**

Jahiliya 1, 2, 3, 4, 7

Jornais 9, 10, 11, 80, 81, 82, 87, 88, 92, 93, 94, 95

Jovens mediadores 96, 99, 100

## **K**

Kene 167, 168, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 182

## **L**

Leitura literária 96, 97, 101, 114

Literatura contemporânea 29

Literatura infantil 106

## **M**

Machado de Assis 12, 13, 14, 43, 44, 46, 51, 52, 53, 80, 83, 85, 86, 89, 91, 95

Maranhão 9, 10, 14, 15, 62, 67

Maria Firmina dos Reis 61, 62, 64, 66, 67

Mário de Andrade 131, 132, 133, 135, 139, 140, 141, 143, 147, 148

Mímesis 68, 69, 74, 75, 76, 78

Morfologia lexical 106, 108, 115

Música popular 9, 10, 12, 15, 45, 46

## **N**

Neologismos 106, 107, 108, 109, 110, 112, 114

Neurociência 54, 55, 56, 59, 60

## **O**

Onto-epistemicídio 184

## **P**

Pandemia 27, 100, 102, 116, 117, 123, 124, 126, 127, 129

Poesia árabe 1, 7

Povo indígena 184

Povo negro 184, 185, 191, 194, 195, 198, 199, 206

Primeiras estórias 149, 150, 151, 157

## U

Um marido ideal 16, 18

Úrsula 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2022

# LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES:

Ressonâncias e repercussões

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022